

Resenha das decepções nazistas nestes quatro anos de guerra

Cap. UMBERTO PEREGRINO

Foi muito lembrado no dia 10 de maio último o 4.º aniversário do início de arremetida nazista, que prostaria em poucos dias a Bélgica, mais uma vez sacrificada à brutalidade germânica, a Holanda, traída nas reiteradas garantias de segurança e minada por uma profunda infiltração da 5.ª coluna, e a França, cujo exército numeroso, modernamente aparelhado, detentor de tão gloriosas tradições, e que tivera nove tranquilos meses para mobilizar-se confortavelmente, era a sólida esperança do mundo inteiro contra a possante máquina de guerra preparada por Hitler.

Entretanto, já a 17 de junho cessava toda a resistência francesa. O exército de Gamelin e Weygand fôra desmantelado sob os golpes maciços do binómio Wehrmacht-Luftwaffe, sem que ao menos se erigisse o obstáculo de um governo bravo e resoluto, capaz de organizar uma nova resistência onde fosse possível. E assim, chegados rápida e facilmente às praias da Mancha, os pelotões germânicos contemplavam o contorno estatido das Ilhas Britânicas, onde se refugiava a única resistência organizada que ainda se opunha aos seus designios conquistadores...

Foi esse o momento máximo do itinerário guerreiro de Hitler, porque logo em seguida teria lugar a sua primeira decepção: a Inglaterra, não se rendeu; Mr. Churchill distribuíra novas armas aos recém-chegados de Dunkerque e anunciava a tresloucada teima britânica de continuar a guerra.

Os homens de Berlim, até então integralmente satisfeitos nos seus cálculos, desapontaram-se com esse imprevisto contratempo, mas ainda sorriram pensando na exemplar lição que ministrariam aos ingleses: "ora muito bem, pois haverão de saber o que é lutar com os soldados do fuehrer".

E entraram, sem demora, a expedir esquadrihas sobre esquadrihas da Luftwaffe para destruir as cidades inglêsas. Sucedeu, porém,

que essas esquadilhas também eram destruídas, de modo que, ao fim da histórica batalha da Inglaterra, os germânicos haviam recolhido a sua segunda decepção, esta muito mais grave: não seria fácil subjugar as Ilhas Britânicas.

Então se dedicaram a tarefas complementares, e eis a intervenção fulminante na triste campanha italiana da Grécia, a invasão da Jugoslávia, a conquista espetacular de Creta, o envio do "Afrika Korps" na direção de Suez. Nada disso, porém, decidia a guerra. A Inglaterra, em vez de debilitar-se, mostrava-se cada vez mais forte. Havia debelado a campanha das minas magnéticas, superava os danos causados pela ação dos submarinos e aludia a um programa para passar à ofensiva daí a três ou quatro anos...

Nesta altura os germânicos todo-poderosos compreenderam que os ingleses tinham razão. Não tendo sido possível levar a Wehrmacht a Londres no primeiro impulso, a guerra seria longa, seria uma guerra de exaustão. Impunha-se, destarte, uma revisão na estratégia pautada. Os estoques de armamentos, munições, víveres, roupas, combustíveis, acumulados calculadamente pelos planejadores da "guerra relâmpago" não correspondiam às necessidades do novo aspecto da campanha imposta pelos britânicos. A solução se apresentava então muito clara, além de sedutora: era o ataque a Rússia.

Quantos proveitos neste golpe! Passaria a Alemanha a ter à sua disposição, em abundância, trigo, rebanhos, petróleo, ferro e muitos outros materiais estratégicos; eliminaria de uma vez por todas aquele encomodo exército, intacto, colocado à sua ilharga; daria aplicação às suas divisões, ociosas desde as operações da França e dos Balcãs, com a vantagem de produzir a maior de tôdas as brilhaturas, pois o "colosso soviético" seria abatido, não repontava a menor duvida em Berlim, ao impeto de uma "blitzkrieg" ainda mais fácil que as anteriores, exercitadas no continente.

Esse cálculo suficiente transformou-se em ilusão ótica quando as "pontas de lança" da Wehrmacht começaram a perfurar as linhas soviéticas e aprofundar-se no seu território. Documenta o "ledo engano" alemão o comunicado do dia 19 de setembro de 1941, que resava assim: "Os últimos exércitos russos completos, comandados por Semyon Timoshenko, que defendiam Moscou, estão cercados e divididos em dois; os Exércitos do Sul, do Marechal Budienny, estão derrotados; as 60 ou 70 Divisões do Marechal Voroshilov estão trancados em Leningrado. Para todos os fins militares — rematava o festivo comunicado — a Rússia já não existe".

Seguiu-se a terceira decepção de Hitler. A Rússia transgrediu a sua sentença e continuou a existir militarmente; nem Moscou nem

Leningrado caíram; veio foi o inverno e com ele a primeira reação vantajosa do Exército Vermelho.

No verão seguinte o comando alemão tentou decidir a campanha russa, com um esforço supremo sobre o Volga e o petróleo do Cáucaso. Aconteceu Stalingrado. Eis a quarta decepção. E a partir desse período as decepções militares dos nazistas vão brotar em profusão. São os desembarques anglo-americanos na África do Norte, é a derrota de Rommel em El Alamein, é o epílogo da campanha africana na Tunísia, o assalto à Sicília, a capitulação da Itália, e ainda por cima o sistemático recalçamento dos japoneses no Pacífico, após a definitiva neutralização do seu poder ofensivo.

*
* *
*

Neste último, 10 de maio, distanciado 4 anos daquele que assinou o rolar atroante das "panzer" irresistíveis pelos chãos da Bélgica e da Holanda, os dirigentes nazistas certamente balancearam todas as decepções que vieram colecionando nesse prazo, e que podem consubstanciar-se agora numa única, a grande decepção de terem perdido uma guerra que consideravam ganha. Com efeito, o 10 de maio de 1944 encontrou a Alemanha despojada de qualquer veleidade ofensiva, desacreditada perante os seus antigos submissos satélites, que negociam abertamente com os aliados, surrada pela Rússia, com as suas cidades convertidas em ruínas pelo bombardeio sem pausa dos aviões da R.A.F. e da U.S.A.A.F., acuada por trás de territórios hostis, sobre os quais ameaça desabar, a qualquer instante, o peso do poderio militar anglo-americano.

Talvez os artífices desta guerra cruel e devastadora, que tantos sofrimentos e torpesas espalhou entre os homens, inda alimentem uma derradeira esperança: a de salvarem-se, através de uma paz negociada, se acaso as operações aliadas de invasão sofrerem um desastre substancial, porque isso importaria em recomeçar novos gigantescos preparativos e, portanto, em afastar indefinidamente o termo da guerra. Então as repercussões internas na Inglaterra e nos Estados Unidos seriam violentíssimas, e seguramente criar-se-ia um terreno favorável às manobras diplomáticas.

Mas a invasão virá, não por sem dúvida isenta dos naturais percalços de toda operação militar dessa natureza — uma surpresa aqui, uma dificuldade maior ali, um sucesso limitado num ponto, um tropeço serio mais alem — mas se desenvolverá esmagadoramente no conjunto, e será essa a decepção final daqueles que tendo chegado à beira da Mancha em junho de 1940 julgaram-se os senhores indiscutíveis do mundo...

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*) ...	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Ben- to Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertol- do Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

1077

VITAMINAS E DEFESA NACIONAL

(Copyright do Serv. Tec. de Alimentação Nacional)

Nada mais útil a um país do que a aplicação, diante da guerra, das vitaminas como fator básico da defesa nacional. A mobilização dos povos em conflito tem por alicerce dois princípios importantíssimos: — a aptidão física e mental dos seus jovens; a capacidade de resistência dos seus exércitos em face das vicissitudes das frentes de combate.

Uma prepara a outra, ou melhor se completam ambas num único nível de utilidade bélica: — a robustês dos homens que defendem as suas bandeiras.

Robustês é boa nutrição. Esta depende da variedade e da qualidade dos alimentos. E estes, por fim, para uma integração satisfatória no organismo, precisam dos fatores bioquímicos a que se chamou de vitaminas.

As grandes massas que, no conflito atual, se têm deslocado de continente para continente, levam, em cada soldado, seja infante, marinheiro, aviador ou paraquedista, uma reserva organizada e ótima de vitaminas.

As diversas funções da guerra exigem diferentes estímulos dos sistemas e aparelhos do corpo humano, a cargo de varias vitaminas já estudadas pela ciência moderna.

Essas substância vitais podem ser administradas na própria alimentação especifica, rigorosamente controlada pela medicina, ou em caráter supletivo sob a forma de comprimidos que, preparados e embalados, servem de ração garantidora da resistência do militar.

Sabemos, por exemplo, que a vitamina A é um magnífico estimulante da função visual, evitando doenças como a hemeralopía, que é a moléstia que diminúe ou anula o poder de enxergar na obscuridade. Não é preciso assinalar da importância dessa vitamina para os marinheiros e aviadores que, em patrulha noturna, são obrigados a pesadas vigilâncias contra os submarinos e os objetivos de bombar-

deio, quasi imperceptíveis a quem possuir qualquer deficiência do órgão visual.

Além disso essa vitamina fortalece notavelmente a resistência às infecções, o que representa uma vantagem incalculável para os exércitos ou as armadas, diminuindo as baixas aos hospitais com extraordinária economia para os serviços de retaguarda. O aparelho respiratório é um dos mais afetados com as longas marchas, a sujeição às intempéries, o desconforto das trincheiras ou dos convezes.

Nos exames médicos selecionadores dos candidatos à guerra, tem sido assinalada uma enorme pobreza dentária, revelada em cáries, em atrofias, em fragilidade dos dentes. No exército americano a rejeição por êsses fatores têm sido vultosas.

Sendo fracos os dentes, se-lo-á também o esqueleto, quasi sempre batido pela sub-nutrição da infância, o que revela uma juventude incapaz dos formidáveis esforços exigidos pela guerra, já no transporte dos equipamentos, já nos chóques corpo a corpo com o inimigo. A vitamina D preside ao desenvolvimento dos ossos e dos dentes, sendo necessária a sua administração profunda na infância afim de preparar os moços rijos que comporão as defesas da pátria.

As aglomerações humanas requerem cuidado especial quanto ao escorbuto, que é uma doença devida à falta de vitamina C.

As esquadras de certos países sofreram baixas assombrosas por essa avitaminóse, facilmente debelada com a ingestão dos sucos cítricos, especialmente o do limão.

A fadiga e o esforço muscular violento a que estão sujeitos os militares de quaisquer espécie, dada a extrema mobilidade e bruteza dos combates atuais, requerem a proteção de quantidades racionais de vitamina B, tão urgente em situações que tais.

Os marujos e aviadores que lutam na escuridão, os infantas e os tanquistas que suportam caminhadas imensas e pressões esmagadoras, os sapadores que carregam pesos colossais, os oficiais que necessitam de agilidade mental para resolver problemas táticos urgentes, os sentinelas que resistem a situações incomodas durante horas infindas, todos precisam de doses maciças de vitaminas A, B, C e D, sem as quais faltarão irremediavelmente nos seus objetivos.

Nos hospitais militares, onde as feridas de guerra são dilacerantes e perigosíssimas, já não bastam só as transfusões ou as suturas oportunas. A coagulação do sangue merece cuidados sérios e é sabido que a vitamina K desempenha um importante papel neste mecanismo.

A moléstia comum nos abrigos estratégicos, chamada de "boqueira das trincheiras", vulgar na guerra passada, é combatida com sucesso pela ingestão de ácido nicotínico, essa admirável defensora dos tecidos

e especialmente da pele. As vitaminas são, pois, elementos de primeira plana na luta contra o inimigo comum. São a base das ofensivas. Até 1929 a Rússia não possuía nenhum estabelecimento que estudasse o assunto. Hoje é um dos vanguardeiros na ciência das vitaminas. E a vitalidade do seu exército prova isso, com sobras de razões.

Guardar uma nação é antes de tudo preparar os seus homens. E a robustez dos jovens depende sobretudo do equilíbrio vitamínico do seu organismo. A Campanha das Vitaminas para o Povo, organizada pelo Serviço Técnico da Alimentação Nacional, visa divulgar quer entre as classes populares como entre os responsáveis pelo destino do Brasil, essa mentalidade moderna que garante, com a resistência física e mental dos seus filhos, uma barreira capaz de opôr com a força dos seus soldados uma muralha ante os ímpetos dos agressores, já avisados nesses segredos alimentares e enérgéticos.

Vitaminizar amplamente a Nação, é o primeiro passo para a garantia do seu território e do respeito à sua soberania. A Defesa Nacional efetiva é um tema científico e alimentar. As Vitaminas emprestarão aos nossos soldados do ar, de terra e do mar, a potencialidade que os fará maiores na luta pela democracia e pela liberdade dos direitos do Homem.



Atlantic

GASOLINA • MOTOR OIL • LUBRIFICAÇÃO

O Açúcar nas Linhas de Batalha

*TANTO QUANTO DE CARNE, OS SOLDADOS
PRECISAM DE SUA RAÇÃO DE AÇUCAR
PARA O CHA' OU CAFE' SEMPRE OPORTUNO*

Alimento indispensavel, o açúcar é um rei que não perde jamais, o seu prestígio. Na paz ou na guerra, ninguem sem ele passa. Todos o desejam e todos lhe querem bem. E' ele que nos dá o bolo delicioso, a torta desejada, o creme, o chocolate bem temperado, o sorvete e, principalmente, o café e o chá. os quais, sem açúcar, só dizem bem a raros paladares.

Por isso, se as donas de casa não dispensam o seu açúcar, indo busca-lo ao fornecedor com mais entusiasmo que aquele dedicado á própria carne, — tambem o soldado que luta lá longe, na linha de frente, seja na Itália, no Pacifico, nos Balkans ou no solo russo, não dispensa a ração do precioso alimento, que é uma especie de alicerce de muitos outros...

Assim, pois, claro como neve e doce como ele proprio, o açúcar é um dos valetes dessa guerra. E vale que ele não tem faltado com sua contribuição ao esforço de soldados e civís. Quer na retaguarda, quer nas linhas de combate, o açúcar está presente, em quantidade, servindo a todos. E' ele que concorre para que o bolo servido aos soldados seja realmente saboroso. E' ele que se irmana ao chá e ao café, aquí e acolá, para que o herói, num entre-áto de batalha, sinta um prazer delicioso sorvendo alguns góles da bebida predileta. E' ele, o Açúcar, que ocupa logar destacado em todo serviço de abastecimento porque, verdadeiramente, é indispensável...

O Brasil, felizmente, possui bastante açúcar para atender sua população civil, seus soldados e para servir, até, seus irmãos nesta luta de vida e morte contra o inimigo supremo de todas as liberdades humanas.

Neste pedaço da grande e livre América, ás suas familias e aos seus bravos e glóriosos soldados, jamais faltará esse grande alimento tão precioso na paz como na guerra: O Açúcar!

1081

A sabedoria e o patriotismo de um administrador

Em permanente contato com os prefeitos municipais, o Interventor Fernando Costa acompanha a vida e progresso de todos os pedaços da terra bandeirante.

A administração do sr. Fernando Costa à frente do governo paulista caracteriza-se, principalmente, pela harmonia que ele sabe emprestar ao andamento da grande e poderosa máquina que é o Estado de São Paulo com todos os seus prosperos e populosos municípios. Colocando à testa de cada partícula de território uma boa e iratininga um bom dirigente, identificado com os problemas locais e dispondo de indiscutível prestígio junto ao povo e às classes conservadoras, conseguiu o ilustre chefe do Executivo paulista colocar toda a vida do Estado em um ritmo reativo e surpreende e emociona ao mais superficial dos observadores da realidade bandeirante.

Audiências semanais aos prefeitos

Para manter em contato permanente com a marcha dos trabalhos e realizações de cada município, o Interventor Fernando Costa estabelece, em audiência, os prefeitos do interior que tenham as semanas, fazer e fatos a expôr á pessoa do chefe do governo as exposições a um processo de governar eminentemente democrático e, acirado de tudo prático, racional e preciso. Assim, nenhum trabalho sofrerá hiato á falta de conselho, autorização ou colaboração do dinamico homem público que o Presidente Vargas colocou um dia, em momento de feliz inspiração, no governo do Estado bandeirante.